

## **APEGO, AFETO E TERRITORIALIDADE: ELOS ENTRE O IDOSO E SEU AMBIENTE**

Águida Meneses Valadares Demétrio<sup>1</sup>, Rita Maria dos Santos Puga Barbosa<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Bacharel em Ciências Contábeis/ Mestranda PPGSCA- ICHL/UFAM

<sup>2</sup>Doutora/ Pós Doutora Educação Física , Docente Inativa FEFF-UFAM

### **RESUMO**

O presente artigo interliga apego, afeto e territorialidade, tentando abarcar aspectos emocionais e materiais, formadores dos sentimentos de pertencimento do idoso, na vivência cotidiana, analisados através do elo efetivo entre os indivíduos e o meio em que vivem. O apego nos reporta à ligação afetiva, vínculo afetivo, inclusive em busca de segurança e proteção. Esse sistema tem função direta nas respostas afetivas e no desenvolvimento cognitivo, já que envolve uma representação mental das figuras de apego, de si mesmo e do ambiente. Nos aprofundamentos da teoria do apego (TA) de John Bowlby, verificamos que o apego envolve a preferência; é duradouro; intensifica as emoções; possui interações intermitentes; as recompensas ou punições não rompem, necessariamente, esses vínculos, e pode estender-se enquanto perdurar a vida. Apego é um tipo de vínculo no qual o senso de segurança de alguém está estreitamente ligado à figura de apego. O afeto diz respeito ao sentimento de bem-querer que sentimos e destinamos a alguém. As relações que mais perduram com o passar do tempo são aquelas em que somos nutridos de afeto, mas também de apego, ou seja, gostamos de nos sentir “gostados”. O idoso sente-se protegido em seu território, sendo esse, nas concepções de Milton Santos, o chão e mais a população, nas trocas materiais e espirituais e da vida, da socialização, da vivência sobre os quais ele influi. Nesse contexto entre apego, afeto e territorialidade, principalmente entre os idosos, o elo afetivo interliga materialidade e emotividade, que Yi-Fu Tuan denominou de Topofilia. Este trabalho possui a sua origem na dissertação desta autora e tem por objetivo analisar o elo afetivo entre os assentados do projeto de assentamento Tarumã Mirim, zona rural de Manaus-AM, com seu território habitado. O método adotado foi o etnográfico, pela técnica da observação participante. No aprofundamento da pesquisa, constatamos que os idosos do projeto de assentamento Tarumã Mirim preferem permanecer no seu ambiente costumeiro, mesmo enfrentando obstáculos que seriam sanados vivendo na zona urbana, porque o elo afetivo com a sua casa e seu ambiente sobrepõem-se às facilidades ofertadas pela metrópole.

**PALAVRAS-CHAVE:** Apego; Afeto; Territorialidade; Topofilia; Tarumã Mirim .

### **ABSTRACT**

This article connects attachment, affection and territoriality, intending to encompass emotional aspects and materials, trainers of belonging feelings of the elderly in daily life, analyzed through effective link between individuals and the environment in which they live. Clinging reports in the loving bond, bonding, including for safety and protection. This system has a direct role in emotional responses and cognitive development, as it involves a mental representation of attachment figures, yourself and the environment. In the deepening of attachment theory (TA) John Bowlby, we find that attachment involves preference; It is lasting; intensifies the emotions; It has intermittent interactions; the rewards or punishments do not break necessarily those links, and can be extended as long as the life. Addiction is a kind of relationship in which one's sense of security is closely linked to the attachment figure. Affection concerns the good will of feeling we feel and we allocated to someone. The relationships that last the longest over time are those in which we are nourished affection, but

also attachment, or like to feel "liked". The elderly feel protected in their territory, and this in the vision of Milton Santos, the floor and over the population, the material and spiritual exchanges and life, socialization, the experience of which it influences. In this context of attachment, affection and territoriality, especially among the elderly, the affective link interconnects materiality and emotionality, which Yi-Fu Tuan called the topophilia. This work has its origin in this dissertation author and aims to analyze the affective link between the settlers of the settlement project Tarumã Mirim, rural Manaus-AM, with its inhabited territory. The method adopted was the ethnographic, the technique of participant observation. In further research, we contacted the elderly Tarumã Mirim settlement project prefer to remain in their usual environment even facing obstacles that would be remedied living in urban areas, because the affective link with your home and your environment override the offered facilities the metropolis.

**KEYWORDS:** Addiction; Affection; territoriality; topophilia; Tarumã Mirim.

## INTRODUÇÃO

Falar de amor, afetividade, apego, nos instigam a aprofundarmos e a desenvolvermos interligações que proporcionem esses termos a migrarem para novos horizontes, como forma de “pulverizar” a sociedade com elementos que “purificam” e “iluminam” o ambiente. No entanto, são comumente mais divulgados os escritos e os estudos sobre guerra, ódio, desigualdades sociais, pobreza, porque isto realmente encontra-se tão presente, que se tornou o “lugar-comum” na nossa sociedade capitalista, relegando a afetividade a um segundo plano, como se fosse irrelevante ou descartável. Porém esses termos, e essa concepção de afetividade, são elementos que instigam os indivíduos ao prazer, à alegria, ao aconchego.

No dicionário de Houaiss (2010) o termo “apego” significa ligação afetiva, estima, complementado por Nabuco (2014) que interliga o apego à qualidade dos padrões de vínculo afetivo do indivíduo: se seguro ou inseguro. Portanto, apego diz respeito ao comportamento de proteção ou de dar atenção às necessidades emocionais do outro – aquilo que se chama popularmente de cumplicidade, esclarece Nabuco (2014).

Afeto diz respeito ao sentimento de bem-querer que sentimos e destinamos a alguém. Assim sendo, as relações que mais perduram com o passar do tempo são aquelas em que somos nutridos de afeto, mas também de apego, ou seja, gostamos de nos sentir “gostados”, mas que também protegemos e nos sentimos protegidos.

Comportamento de apego refere-se a qualquer comportamento que resulta na proximidade com a figura de apego, o que o levou Nabuco (2014), no aprofundamento dos estudos de Bowlby, a ampliar essa concepção, e analisar sob ângulos negativos e positivos. O negativo: sem que os dois elementos estejam presentes (apego e afeto), possivelmente uma

relação poderá estar seriamente comprometida. No entanto, o lado positivo emana que o apego, além de afeto, pode sim ser aprendido e desenvolvido, solidificando os laços que compõem uma relação, tornando-a, portanto, mais perene.

Ao referirmos à afetividade e ao apego, reportamos não somente aos indivíduos, biologicamente, mas também às coisas, tangíveis ou intangíveis, e, nesse estudo específico, à territorialidade. Pelas concepções de Santos (2013, p. 96), o território não é apenas o resultado da superposição de um conjunto de sistemas naturais e um conjunto de sistema de coisas criadas pelo homem. O território é o chão, a população, no envolvimento entre o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é a base do trabalho, da residência, das trocas materiais e espirituais e da vida, da socialização, da vivência sobre os quais ele influi.

Esta territorialidade, mesclada com a afetividade, nos levou ao projeto de assentamento Tarumã Mirim, na zona rural de Manaus, em análises sobre o elo afetivo dos anciãos ao seu território. O campo pesquisado é caracterizado pela ausência da praticidade propiciada pelos bens materiais ofertados pela metrópole, o que nos instigou às análises entre apego, afeto e territorialidade. Fomos instigadas ao aprofundamento dos aspectos topofílicos dos anciãos daquela comunidade, porque questionamentos se tornaram pertinentes: o elo afetivo que interligam o indivíduo ao meio em que vivem, surgem no aspecto “para cuidar” ou “para ser cuidado”?

Este trabalho possui a sua origem na dissertação desta autora, “Lazer e agricultura familiar: complementares ou antagônicos nos aspectos socioeconômicos no projeto de assentamento Tarumã Mirim?”, e tem objetivo analisar o elo afetivo entre os assentados do projeto de assentamento Tarumã Mirim, zona rural de Manaus, com seu território habitado. O método adotado foi o etnográfico, pela técnica da observação participante. Para a pesquisa de campo, foi utilizado o gravador, e as informações do “dito” e do “observado” foram registradas no diário de campo, que compuseram as bases empíricas para a dissertação, da qual destacamos fragmentos pertinentes para compor este artigo.

Neste trabalho, seguindo os norteamentos de Oliveira Filho (1999), através da sua obra *Ensaio em Antropologia Histórica*, no capítulo “O ofício do etnógrafo”, ele cita que “Uma narrativa (etnográfica) deve ser escrita na 1ª pessoa, pois o olhar etnógrafo descreverá as diferenças e a variação no outro (p. 212)”. Nesse trabalho, cito o “eu” nos momentos específicos da pesquisa de campo, retornando ao pronome na 1ª pessoa do plural nas análises e interpretações dos dados coletados, procedidos conjuntamente com a coautora. Tal pesquisa foi aprovada pelo Conselho de Ética, através do CAAE 51295515.9.0000.5020 e número de parecer 1.350.135, de 03 de dezembro de 2015.

## **CONSUMISMO OU DESAPEGO?**

Às vezes nos perguntamos: para onde está indo a humanidade? Para uma sociedade de indivíduos desvairados pela busca incessante de bens materiais, com seus instintos consumistas a sobrepujar sobre o amor, a solidariedade, o apego? Isto nos remete aos estudos de Santos (2013, p. 39) ao citar que estamos diante de um novo “encantamento do mundo”, no qual o discurso e a retórica são o princípio e o fim, havendo uma grande diferença entre o mundo de há cinquenta anos e o mundo de agora. O momento atual apresenta-se com uma sociedade carregada de ideologias que nos é entregue pelos homens do *marketing* e do *design* a serviço do mercado (p. 51), porém Santos (2013) vai mais além, ao problematizar que a situação contemporânea revela, entre outras coisas, três tendências: uma produção acelerada e artificial de necessidades; uma incorporação limitada de modos de vida ditos racionais; uma produção ilimitada de carência e escassez (p. 129). Isto nos remete à Malinowski (1975), ao citar que, atendidas as necessidades básicas, criam-se necessidades secundárias, instigando o ciclo entre necessidades criadas e atendidas. Ora, ao satisfazer uma necessidade, outra se sobrepõe.

O ciclo entre produzir, consumir, criar necessidades forma uma trilogia que leva ao sentimento de escassez. Para Santos (2013, p. 130), a escassez de um pode se parecer à escassez do outro e a escassez de hoje à escassez de ontem, mas quando não é satisfeita ela acaba por se impor como diferente da de ontem e da do outro, gerando a sensação de insatisfação, restando aos “não possuidores” a insatisfação ou então cultivar a procura de bens infinitos como a solidariedade: esta, quanto mais se distribui, mais aumenta, conforme análises de Santos (2013, p. 129). Porém, até a assimilação dessas concepções, muito já se viveu e muito já se possuiu, ou muito já se exauriu nessa busca e nesse apego à materialidade, esquecendo-se da afetividade e de valores imateriais, porém essenciais à sensação de felicidade. Entretanto, na idade anciã, esse apego aos bens de consumo já se moderaram consideravelmente, principalmente naqueles que residem na zona rural, no entanto, a necessidade do “pertencimento” ainda se torna latente, a pertencer a algo que lhe pertence.

## **A TEORIA DO APEGO**

Bowlby (1989) considerou o apego como um mecanismo básico dos seres humanos, considerado como um sistema de controle das composições químicas do corpo, que funciona dentro de um contexto de outros sistemas de controle comportamentais. O papel do apego na vida dos seres humanos envolve o vínculo afetivo que se desenvolve entre o bebê e a figura provedora de cuidados, geralmente a mãe. Bowlby (1989) distinguiu dois tipos de fatores que

podem interferir na ativação do sistema de comportamento do apego: aqueles relacionados às condições físicas e os relacionados às condições do ambiente. Além disso, esse sistema tem função direta nas respostas afetivas e no desenvolvimento cognitivo, já que envolve uma representação mental das figuras de apego, de si mesmo e do ambiente, sendo estas baseadas na experiência.

A partir do conjunto da obra de Bowlby (1989, 1990, 1997), podemos enfatizar sete características que “alimentam” o apego, e podem estabelecer as definições de comportamento de apego e suas características:

1. Especificidade– O comportamento de apego é dirigido para um ou alguns indivíduos específicos, geralmente em ordem clara de preferência;
2. Duração– O apego persiste, geralmente, por grande parte do ciclo vital;
3. Envolvimento emocional– Muitas das emoções mais intensas surgem durante a formação, manutenção, rompimento e renovação de relações de apego;
4. Ontogenia– Quanto mais experiências de interações sociais tiverem, maiores são as probabilidades do apego;
5. Aprendizagem– Recompensas e punições desempenham apenas um papel secundário. De fato, o apego pode desenvolver-se apesar de repetidas punições por uma figura de apego;
6. Organização– O comportamento de apego é organizado segundo linhas bastante simples. Entre as condições ativadoras estão o estranhamento, a fome, o cansaço e qualquer coisa assustadora;
7. Função biológica– O comportamento de apego ocorre nos jovens de quase todas as espécies de mamíferos e, em certas espécies, persiste durante toda a vida adulta.

Portanto, o apego envolve a preferência; é duradouro; intensifica as emoções (podendo romper-se ou renovar-se); possui interações intermitentes; as recompensas ou punições não rompem, necessariamente, esses vínculos (por isto que, mesmo a criança recebendo palmadas, o apego ainda permanece) e o apego pode estender-se enquanto perdurar a vida. Apego é um tipo de vínculo no qual o senso de segurança de alguém está estreitamente ligado à figura de apego. No relacionamento com a figura de apego, a segurança e o conforto permitem que seja usado como uma “base segura”, a partir da qual poderá se explorar o resto do mundo, conforme Bowlby (1997).

Em contrapartida, o comportamento de apego refere-se a qualquer das formas de comportamento, nas quais a pessoa se engaja, de tempos em tempos, para obter ou manter uma proximidade desejada (BOWLBY, 1989, p.40), ou seja, o apego é o processo e o

comportamento de apego é o resultado do processo. Assim, comportamento de apego é definido como qualquer forma de comportamento que resulta em uma pessoa alcançar e manter proximidade com algum outro indivíduo, considerada mais apta para lidar com o mundo (Bowlby, 1989, p. 38). O comportamento de apego está em nossa vida de várias formas e intensidade e a função principal atribuída a esse comportamento é biológica, correspondendo a uma necessidade de proteção e segurança.

Ramires e Schneider (2010) também contribuíram no entendimento acerca da teoria do apego, nos esclarecendo que, sendo o apego um estado interno, sua existência pode ser observada através dos comportamentos de apego, possibilitando ao indivíduo conseguir e manter a proximidade em relação a uma figura de apego. São alguns comportamentos de apego: sorrir, fazer contato visual, chamar, tocar, agarrar-se, chorar, gritar, ir atrás são alguns desses comportamentos. Uma diferença importante entre “apego” e “comportamento de apego” é que se o comportamento de apego pode, em circunstâncias diferentes, ser mostrado a uma variedade de indivíduos, um apego duradouro ou laço de apego é restrito a muito poucos.

Existem dois sistemas comportamentais coordenados na teoria do apego: o sistema de apego, caracterizado pelo comportamento em situações de separação (se não estamos ameaçados por separações imprevistas, construímos uma base segura); e o sistema de exploração (que ocorre quando temos uma base segura e resolvemos explorar o mundo), conforme Almeida (2011).

Bowlby (1989) ressalta ainda que o comportamento do apego não é herdado, o que herdamos é o seu potencial, que nos permite desenvolver melhores resultados adaptativos, e evoluir ao longo da vida. Se o apego na vida dos indivíduos envolve o vínculo afetivo que se desenvolve, o comportamento de apego se refere a qualquer das formas de comportamento para obter ou manter uma proximidade desejada. Essas representações se baseiam nas experiências vivenciadas em condições físicas, psicológicas e ambientais. Os estudos de BOWLBY possuem o seu foco no afeto entre mães e filhos, porém analisamos também esse conceito às análises da afetividade dos indivíduos ao seu meio.

### **TOPOFILIA: O ELO AFETIVO ENTRE O HOMEM E O MEIO EM QUE VIVEM**

Topofilia, em conformidade com Tuan (2012) é o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico. Ele informa que duas pessoas não veem a mesma realidade, e nem dois grupos sociais fazem exatamente a mesma avaliação do meio ambiente. Todos os seres humanos compartilham percepções comuns, um mundo comum, em virtude de possuírem órgãos similares, porém, essa “forma única” da perspectiva humana se torna evidente, quando

analisamos que a percepção de um indivíduo com relação a algo, não é a mesma percepção de outro indivíduo, com relação a essa mesma coisa percebida.

O ser humano tem outras maneiras de responder ao mundo além dos cinco sentidos: visão, audição, olfato, paladar e tato (TUAN, 2012, p. 22). Dos cinco sentidos tradicionais, o homem depende mais conscientemente da visão do que dos demais sentidos para progredir no mundo. Ele é predominantemente um animal visual. A visão humana, como a de outros primatas, evoluiu em um meio ambiente arbóreo. No mundo denso e complexo de uma floresta tropical, ver bem é mais importante que desenvolver um sentido agudo do olfato.

As atitudes em relação à vida e ao meio ambiente refletem necessariamente variações individuais e fisiológicas (p. 73), porque há diferenças temperamentais entre as pessoas. Algumas conseguem “dialogar” mais facilmente com a natureza, com o meio ambiente, que outras pessoas. O que, para alguns indivíduos seriam alucinações, para outros representam dimensões existentes, não visíveis, porém assimiláveis. A alucinação é conhecida entre indivíduos e grupos de indivíduos. Esse fenômeno fascina porque a percepção de um objeto inexistente parece seguir as regras da percepção normal (p. 91).

A avaliação do meio ambiente pelo visitante é essencialmente estética, é a visão de um estranho. O estranho julga pela aparência, por algum critério formal de beleza enquanto que aquele que está “inserido” emocionalmente com esse mesmo meio ambiente percebe cores, sons e movimentos imperceptíveis pelo estranho, principalmente se, nesses pressentimentos, a emotividade e o apego estiverem presentes. Tuan (2012) exemplifica: “O operador de uma barraca de “comer” pode estar orgulhoso de seu negócio, assim como o lavrador vê em sua descuidada roça de milho uma evidência segura de sucesso na luta por uma vida independente” (p. 97-98). Ambas as situações geram duas formas diferenciadas de serem percebidas: uma por quem tem o apego, e outra por quem não possui tal sentimento particularizado.

A palavra “topofilia” é um neologismo, útil quando pode ser definida em sentido amplo, incluindo todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material. Estes diferem profundamente em intensidade, sutileza e modo de expressão. A resposta ao meio ambiente pode ser basicamente estética: em seguida, pode variar do efêmero prazer que se tem em vista, até a sensação de beleza, igualmente fugaz, mas muito mais intensa, que é subitamente revelada. A resposta pode ser tátil: o deleite ao sentir o ar, água, terra. Mais permanentemente e mais difíceis de expressar são sentimentos que temos para com o lugar, por ser o lar, o *locus* de reminiscências e o meio de se ganhar a vida (TUAN, 2012, p. 135-136).

A topofilia não é a emoção humana mais forte, porém pode tornar-se irresistível, quando o lugar ou o meio ambiente é o veículo de acontecimentos emocionalmente fortes ou é

percebido como um símbolo a possuir representatividade para a sua vida. O adulto deve aprender a ser complacente e descuidado como uma criança se quiser desfrutar polimorficamente da natureza (p. 140-141), ou seja, apreciar as diversas formas em que a natureza se lhe apresenta, sentir o cheiro da terra molhada, a sensação do orvalho que cai das folhas na pele do indivíduo, da umidade que a floresta oferece, dos “sons” que o silêncio emite, e somente quem está integrado à natureza consegue “ouvir”. Ao “ouvir” e “sentir” o meio ambiente, como esse descrito, pode romper todas as regras formais de eufonia e estética, substituindo a confusão pela ordem e, no entanto, ser completamente desfrutável.

O apego à terra do pequeno agricultor camponês é profundo, conhece a natureza porque ganha a vida com ela. Para o trabalhador rural, a natureza forma parte deles – e a beleza, com substância e processo da natureza pode-se dizer que a personifica. Esse sentimento de fusão com a natureza não é simples metáfora. Os músculos e as cicatrizes testemunham a intimidade física do contato. A topofilia do agricultor está formada dessa intimidade física, da dependência material e do fato de que a terra é um repositório de lembranças e mantém a esperança. A apreciação estética está presente, mas raramente é expressada (TUAN, 2012, p. 140-141).

A familiaridade com a natureza tanto engendra a afeição, quanto o desprezo. Uma pessoa pode ter muita afeição por uns chinelos velhos que para um estranho parecem bolorentos; um quintal com suas plantações esteticamente desorganizadas pode constitui um “paraíso particularizado”, com significações e interpretações emotivas profundas para o dono, enquanto que para o visitante representa somente um emaranhado arbóreo sem significação ou beleza. Há várias razões para esta afeição. Uma pessoa, no transcurso do tempo, investe parte de sua vida emocional em seu lar e em seu território. A familiaridade protege o ser humano das perplexidades do mundo exterior. Assim como algumas pessoas são relutantes em abandonar os velhos chinelos por um novo ou arrancar suas plantações, algumas pessoas – especialmente idosas – relutam em abandonar seu velho território por outro novo, com casas novas, bonitas, modernas, e essa foi parte da topofilia percebida no projeto de assentamento Tarumã Mirim, dentre os 70 entrevistados na comunidade pesquisada.

A consciência do passado é um elemento importante. O amor pelo lugar, e o termo topofilia associa sentimento com lugar. As imagens da topofilia são derivadas da realidade em derredor, atentos para aqueles aspectos do meio ambiente que lhes inspiram assombro ou lhes prometem sustento e satisfação no contexto das finalidades de suas vidas.

O fato de as imagens serem extraídas do meio ambiente não significa que este as tenha determinado, nem necessitamos acreditar que certos meios ambientes possuam o irresistível poder de despertar sentimentos topofílicos. O meio ambiente pode não ser a causa direta da topofilia, mas oferece o estímulo sensorial que, ao agir como

imagem percebida, dá forma às nossas alegrias e ideais. Os estímulos sensoriais são potencialmente infinitos: aquilo em que decidimos prestar atenção (valorizar ou amar) é um acidente do temperamento individual, do propósito e das forças culturais que atuam em determinada época (TUAN, 2012, p. 161).

Uma pessoa é um organismo biológico, um ser social e um indivíduo único em suas particularidades, atitude e valor refletem os três níveis do ser. Os seres humanos estão biologicamente bem equipados para registrar uma grande variedade de estímulos ambientais (Tuan, 2012, p. 337). No mundo moderno, tende-se a dar ênfase à visão em detrimento dos outros sentidos, como o olfato e o tato principalmente. Por requererem proximidade e ritmo lento para funcionar e por despertarem emoções, são relegados a um segundo plano, priorizando a visão e a audição. Somente na interação indivíduo-meio os seres humanos respondem ao meio ambiente de forma intrínseca, sentindo e pressentindo a vida em toda sua abrangência, valorando os cinco sentidos.

## **O HOMEM E A TERRITORIALIDADE**

O vocábulo território possui uma diversidade de significados. Genericamente é utilizado para designar uma extensão da superfície da terra, na qual grupos sociais, instituições e indivíduos entram em disputa pela afirmação de seus interesses, semelhante ao que ocorre entre os animais de uma mesma espécie (BRITO, 2008). Certamente, essa é uma afirmação com a qual não se pode concordar nos dias de hoje, mas é a que prevalece, de acordo com Brito (2008). Território, para uns, é a existência de uma parcela da superfície terrestre ou uma área de terra é o próprio território; para outros, é o território com a presença do Estado; outros relacionam a uma dimensão espacial e durabilidade temporal; outros ainda têm no território uma forma de controle de uns agentes sociais sobre outros, porém, em todas essas concepções, as relações de poder predominam na fala e nos textos (BRITO, 2008); Houaiss (2010) define território como extensão geográfica do Estado e que sobre ele exerce a sua soberania. Ora, a soberania não é exercida somente no “solo”, e sim nas sociedades. Em qualquer desses âmbitos analisados, há a interligação entre homem-terra (ou indivíduos e espaço geográfico), e, conseqüentemente, uma ordem social, a normatizar as relações sociais (ELIAS, 2011).

Lima e Bomfim (2009) destacam que o sentimento de comunidade existente em um território é um afeto direcionando, quer seja ao ambiente, quer sejanas inter-relações entre as pessoas. Os processos afetivos e cognitivos humanos envolvem-se no ambiente social, histórico, cultural e físico, representando a forma que as pessoas sentem, pensam e vivenciam

o espaço em que estão implicadas. Pautando-se não somente na compreensão dos problemas ambientais, mas, sobretudo, na questão da sustentabilidade da vida enquanto responsabilidade dos seres humanos, porque, enquanto preservam “o seu meio”, é também preservada a sua continuidade no território e na existência social daquela comunidade.

Nesse contexto, podemos interligar o apego, a afetividade e o território como componentes que se desenvolvem, interagem e se complementam esses elos, formando as sociedades, quer seja nas metrópoles, quer seja na zona rural.

## A PESQUISA DE CAMPO

Na execução da pesquisa de campo, parte dos percursos para as entrevistas foram em companhia do intermediador, com seu veículo trucado, em virtude da precariedade das estradas, porém, em lotes sem acesso veicular, a caminhada fez parte da pesquisa de campo. Salvo o receio às onças, o risco aos animais peçonhentos, o cansaço após o dia inteiro caminhando, o outro lado, a “outra visão” foi apreciada pelo abraçar da natureza, no silêncio só pressentido nos “capão” de matas<sup>1</sup>, que me recordava a canção de Victorino Silva, “És”, que me murmurava sua letra: “Raio de luz dentre as sombras, o sonho ideal da poesia, ouvindo o doce marulho das águas, na fonte dos mananciais”, me impregnando também da topofilia, num contágio de emoção e respeito, por este povo que aprendi a amar.

Dentre os 70 entrevistados, denominados como ENT-(+nº) para preservar seus anonimatos, durante quase um ano, histórias me foram contadas, e situações foram percebidas além das palavras, porém em todos os momentos, procurei captar tanto o “dito” quanto o “não dito”, porque perceber fatos concretos, tais como plantações, cultivos, extrativismo, são captados com os olhos, porém fatos intangíveis são percebidos pela percepção. E foi através dessa percepção, que parte “coletada” dos materiais formaram a composição heterogênea da dissertação, e, conseqüentemente, este artigo. Mas, para essa “coleta”, houve a necessidade do “ouvir”, do “entender”, do “captar”, para perceber o elo afetivo entre o entrevistado e o lugar ou ambiente físico, esse apelo emotivo, esse “amor pela terra”.

As emoções também formaram elementos de análises, tais como aos aspectos topofílicos, onde comprovamos, ao constatar que, dos 70 entrevistados, no questionamento: “O que o motivou a adquirir um lote em um assentamento rural”, destacaram-se: 49,21% “aqui se vive com mais tranquilidade, sem tanta violência quanto na cidade” (apesar dos

---

<sup>1</sup> Expressão usada pelos assentados e moradores, ao referirem-se aos remanescentes da floresta, onde vivem os animais silvestres.

inúmeros fatos envolvendo extrema violência, em crimes ocorridos no Tarumã Mirim), seguido por “creio que aqui seja o ambiente mais propício para criar os filhos”, com 38,10%, demonstrando-se, com esses resultados, a afetividade entre os assentados e o meio ambiente em que eles vivem.

Outro fator que reforçou os aspectos topofílicos foram as adversidades enfrentadas, e citadas por eles, tais como malárias<sup>2</sup>, leishmaniose<sup>3</sup>, ataques de animais peçonhentos, etc. e nem assim pretendem abandonar seus lotes, porque obstáculos são superados, tais como epidemias, conforme nos relatam Nogueira e Mainbourg (2010), nos seus estudos sobre saúde/doença no Pau-rosa, Tarumã Mirim, mostrando que a natureza e o processo saúde/doença se entrelaçam e mantêm um vínculo constante em que a natureza ora é provedora de auxílio e segurança, ora causadora de doenças.

Saquet e Sposito (2008, p. 218) esclarecem que não se pode julgar perigoso o território, porque ele traz em si esta noção de poder e de afirmação identitária. Esta é uma realidade que está inscrita no espaço e no tempo e que lhe dá a garantia de existência. Negar o território é o risco da crise. O território é, pois, esta parcela do espaço enraizada numa mesma identidade e que reúne indivíduos com o mesmo sentimento.

Outros empecilhos, tais como os isolamentos, inacessibilidades no ir e vir, devido às precariedades das vicinais, também formam elementos que nos instigaram a entender esse elo entre homem/natureza que os fazem superar tantos obstáculos. Tais ligações afetivas comprovaram-se ao percebermos que esse elo afetivo ficou aparente em diversos momentos, entre os “ditos” e “não ditos”, na observância entre os dois “brasis”, o da teoria e o da prática, entre mundo teórico, constituído de leis, normatizações, projetos e planos governamentais, e o da realidade, com as suas contradições, as suas precariedades, mas também a sua beleza, instigando-nos a entender esse elo afetivo que liga homem/terra, esse “amor de raiz” que os mantém no assentamento, apesar de tantos entraves e desconfortos.

Por existir esse apego com a terra que demanda sua subsistência, essa dependência material, esse elo entre homem-lugar, sentimento-percepção, em um desejo de continuísmo ao lugar, buscamos entender a relação indivíduo-território. Citamos aqui, a exemplificar, os relatos de ENT-18, que inclusive fez questão de me mostrar sua produção orgânica. Sua fala e

---

<sup>2</sup> Há diversos entrevistados que já enfrentaram cinco malárias (ou mais) e nem assim pretendem abandonar o seu lote.

<sup>3</sup> O próprio líder da comunidade, no período de seis meses, submeteu-se a três tratamentos de leishmaniose em menos de um ano, e nem assim também possui planos de retornar à Manaus, apesar de possuir residência própria na zona urbana.

seus gestos demonstravam orgulho, como se estivesse me mostrando seus filhos bem cuidados. Sua afetividade com as suas plantações, seu passar de dedos pelas pimentas de cheiro (*Capiscum spp*), cebolinha (*Allium schoenoprasum*), coentro (*Coriandrum sativum*), couve (*Brassica oleracea*), etc. sua conversa carinhosa com seus animais: patos (*Anas platyrhynchos.*), marrecos (*Caal snomy*), galinhas (*Gallus gallus domesticus*), tocaram-me profundamente. Foi enriquecedor ver singeleza, humildade e carinho, entre ela e a natureza. Tal ligação dela com a terra, a afetividade, o orgulho com que me apresentava seus canteiros, me instigou mais uma vez a assimilar os conceitos de Tuan (2012) sobre o elo afetivo entre homem e o meio em que vivem.

Seus cultivos se destacavam ante a natureza que nos envolvia e sua emoção me marcava profundamente, demonstrando que “sentimento de pertencimento” pode se tornar um “bem de raiz”, porque representa riqueza àquele que a possui. Cada produto orgânico me apresentado possuía uma pujança peculiar, como em agradecimento aos cuidados a eles dispensados. Recordei-me de mais um trecho de Tuan (2012, p. 136), onde ele cita que “Quando é irresistível, podemos estar certos de que o lugar ou o meio ambiente é o veículo de acontecimentos emocionalmente fortes ou é percebido como um símbolo”, sendo o símbolo maior daquela agricultora, o carinho dela com suas plantações, e o retorno da natureza, naquelas plantações semeadas de esplendor.

Nas entrelinhas entre o elo afetivo do homem com o seu meio, percebi que os jovens não estão tão arraigados afetivamente ao seu meio ambiente no Tarumã Mirim, conforme me relataram pais e avós entrevistados (ENT-1, nove filhos; ENT-2, sete netos; ENT-5, sete netos; ENT-20, 17 entre netos e bisnetos; ENT-22, dois netos), pois muitos dos jovens sonham com a vida na cidade, com maiores possibilidades de carreiras, objetivando um campo profissional que na zona rural não se apresenta. Os jovens ainda não se sentem “enraizados” na terra. Os aspectos tofílicos estão mais arraigados nos anciãos da localidade pesquisada.

## **O AVANÇAR DA IDADE, O AUMENTO TOPOFÍLICO**

Ao observar as classes de idade dos agricultores familiares da comunidade Afatam<sup>4</sup>, observamos que, entre os 70 entrevistados, 43 estão na faixa etária entre 50 anos ou mais, representando 61,43% da população. Ademais, dentre os 27 restantes que se encontram na

---

<sup>4</sup>A comunidade Afatam é uma das comunidades no Tarumã Mirim, onde mais procedemos a pesquisa de campo. Utilizamos o acrônimo para o nome da comunidade, para preservar a identificação real, em virtude de a pesquisa haver apresentado fatos que poderiam comprometer a posse da terra para alguns assentados.

faixa etária abaixo de 50 anos, seis deles são caseiros<sup>5</sup>, que a qualquer momento podem desligar-se do emprego, podendo (ou não) serem substituídos por outros em qualquer faixa etária, inclusive acima dos 50 anos, aumentando ainda mais essa proporcionalidade entre assentados jovens e idosos.

Ao conviver naquela comunidade, constatei que a presença de jovens, principalmente após os 18 anos, possui pouca representatividade, apesar do desejo dos pais em que os filhos deem *continuidade às suas atividades no assentamento* com 76,79%, bem como a percepção de que na comunidade eles estarão *mais afastados das violências urbanas*, representando 74,28% das respostas, entre as duas primeiras opções captadas nas entrevistas.

Em conversações com ENT-1, ENT-2, ENT-12, sobre os jovens irem-se embora para a cidade, apesar do pesar delas, por querer os filhos residindo no assentamento, este não representa o sonho dos jovens. Em diversos diálogos informais com alguns jovens à beira dos igarapés, eles me relatavam: *Tia, aqui a vida é dura, num tem como a gente “crescer”, num tem como estudar, se formar. Tem que ir simhora*<sup>6</sup>. Essas configurações cegas também foram citadas por Matos (2015, p. 50). “Hoje, filho ou filha de pescador, agricultor, piabeiro, seringueiro não seguem mais a formação dos pais, agora se tornam, entre outras profissões, professores [...]. Não dá pra deixar de considerar, nesse decurso, o fato de migrar para outros municípios”. Ao analisar a obra de Abramovay (1998, p. 33), “Juventude e Agricultura Familiar: Desafios dos novos padrões sucessórios”, acerca da influência dos pais para a opção profissional dos filhos, em que estimulam a serem também agricultores, observamos que aquele estudo apresentou o índice de 72,20% consolidado, o que não representa a realidade da comunidade Afatam, no Tarumã Mirim. Conforme dados quantitativos, comprova ser uma comunidade formada por pessoas acima dos 50 anos, representando 61,43% da população, e

---

<sup>5</sup> ENT-24, 33 anos; ENT-26, 29 anos; ENT-55, 36 anos; ENT-56, 32 anos; ENT-57, 29 anos e ENT-58, 35 anos.

<sup>6</sup> A forma expressa do linguajar caboclo não tem como objetivo estigmatizar o entrevistado, mas sim respeitar a forma de expressão do mesmo. Ressaltamos que, em consulta à Mestra na área da Filosofia da Educação, Elvira Eliza França, me foi esclarecido o seguinte norteamento: “*Concordo com a forma de respeitar as expressões das pessoas entrevistadas, registrando o linguajar caboclo. Não se pode ficar elaborando o discurso de alguém com academicismos, porque isso fará com que se perca a característica linguística regional de quem deu o depoimento. Ainda que não seja um trabalho voltado para a análise da linguagem, ele poderá se constituir em material futuro para investigação de algum outro pesquisador nessa área, daí a importância da riqueza linguística dos depoimentos que coletar*”. Forma de expressão também observada no artigo do periódico “Caminhos”, onde doutores e mestre (Baldino; Loures e Almeida) autores da obra, adotaram a mesma sistematização.

os poucos jovens restantes, desejosos de partirem para a metrópole. Entre a população assentada, somente 18,58% estão na faixa etária entre 20 a 39 anos.

Posteriormente retornei à comunidade, mesmo após já haver findado a coleta de dados para a dissertação, para o aprofundamento ao tópico topofilia, porque os dados existentes ainda não haviam me dado subsídios para uma análise mais apurada. Dentre os 21 anciãos com idade superior a 60 anos, escolhi 10, dentre os 70 entrevistados, e dentro dos critérios de inclusão na dissertação (ser o responsável pelo lote, identificado como ENT-) e três fora dela (identificados como EXT-), para perguntar-lhes se prefeririam morar na cidade ou onde se encontravam residindo (na zona rural). A classificação e o resultado se apresentaram da seguinte forma: ENT-5, 74 anos; ENT-20, (74 anos); ENT-22 (68 anos); ENT-29, (71 anos); ENT-34, (77 anos); ENT-49, (63 anos); ENT-54, (70 anos); EXT-1 (105 anos) e EXT-3, (81 anos) preferem permanecer na zona rural, “por já estar acostumado”; “na cidade é muita *zuada*”; “aqui tem mais *sussego*”; “aqui cuido dos meus bichos, presto pra alguma coisa”; “Vixe, Deus me livre de ir *mimbora*”, correspondendo a 69,23% a preferirem viver na zona rural. Em contrapartida, somente quatro (ENT-46, 64 anos; ENT-49, 63 anos; ENT-60, 72 anos e EXT-2, 76 anos) prefeririam viver na cidade, porque “mais perto do *dotô*”; “mais conforto”; “as facilidades compensam o barulho de lá”, correspondendo a 30,77%, demonstrando, com esse resultado, que o idoso prefere permanecer na sua casa, no seu ambiente corriqueiro, no seu *habitat*, do que aventurar-se para outra localidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O apego e a afetividade do homem com seu meio foi traduzida em palavras, observada a alma do caboclo, que dialoga com a terra, e dela ouve o seu sussurro, em um colóquio pessoal. Na quietude da alma anciã, interagindo com o seu ambiente de longa convivência, percebemos que o idoso se identifica com o lugar em que reside, vivendo em uma interação harmônica, mesmo que tal *habitat* não seja beneficiado por tecnologias que poderiam facilitar-lhe a vida, quer seja com energia elétrica constante (no Tarumã Mirim as “quedas” de energia são constantes e o retorno demorado); quer seja pela facilidade em comprar mantimentos diversificados nos mercados (no Tarumã Mirim há somente pequenas “bodegas” ou a feira local, com escassez de diversos produtos); pela proximidade à saúde pública mais ampliada (há atendimento de caráter de Saúde Básica no posto de saúde do assentamento, porém não há profissionais especializados no cuidado ao idoso); ou mesmo pela existência aos Centros de Convivência ao Idoso (no assentamento o Estado não beneficia idosos, jovens ou adolescentes no quesito lazer).

A maioria prefere refrescar o corpo cansado no mergulho das águas frias dos inúmeros igarapés existentes na comunidade; pressentir e sentir interação com a natureza; buscar o repouso ou a contemplação em meio ao ambiente que o abraça através do conhecimento de longos anos. E a floresta os acolhe com seus aromas diversificados, suas cores fugazes; sua brisa; suas sombras e os seus frutos, em um diálogo permanente, que somente aqueles que conseguem “ouvir” com a percepção, traduzem em poesia e amor essa convivência simples e harmoniosa, em uma simbiose ímpar entre homem-natureza.

Não conseguimos definir, ao interligar a topofilia dos anciãos com as teorias do apego e da territorialidade, se o meio em que vivem representa a terra-mãe, que cuida, ou se a terra-filho, que gera a necessidade/sensação de ser cuidada, porém algo se tornou aparente: a possibilidade da separação entre indivíduo-chão produz ansiedade, sendo provável que o seu ambiente se assemelhe ao útero materno, que o acolhe, alimenta e protege, e esse rompimento leva ao medo e insegurança, porém isto merece maiores análises posteriormente.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Ricardo et al. **Juventude e agricultura familiar: Desafios do novos padrões sucessórios**. Brasília: Unesco, 1998.

ALMEIDA, Thiago. **John Bowlby e a Teoria do Apego**. Publicado em: 9 mai 2011. Disponível em: <http://pt.slideshare.net/Thiagodealmeida/john-bowlby-e-a-yeoria-do-apego>. Acesso em: 09 out 2016.

BOWLBY J. **Apego**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes; 1990.

\_\_\_\_\_. **As origens do apego**. In: Uma base segura: aplicações clínicas da teoria do apego. Porto Alegre: Artes Médicas; 1989. p. 33-47.

\_\_\_\_\_. **Formação e rompimento de vínculos afetivos**. In: Formação e rompimento de laços afetivos. São Paulo: Martins Fontes; 1997. p. 167-208.

BRITO, Cristóvão. **Ressignificando o conceito de território**. EDUFBA, 2008. 236 p. ISBN 978-85-232-0542-3. Available from SciELO Books. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/jpst2/pdf/brito-9788523209216-04.pdf>. Acesso em: 07 out 2010.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador. V.1 Uma historia dos costumes**. 2ª ed. Rio de Janeiro, Zahar, 2011.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário de Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

LIMA, Deyseane Maria Araújo; BOMFIM, Zulmira Áurea Cruz. **Vinculação afetiva pessoa-ambiente: diálogos na psicologia comunitária e psicologia ambiental**. Psico. v. 40, n. 4, pp. 491-497, out./dez. 2009. Disponível em:

<http://caioba.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/viewFile/4711/4936>. Acesso em: 08 out 2016.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Uma teoria científica da cultura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

MATOS, Gláucio Campos Gomes de. **Ethos e figurações na hinterlândia amazônica**. Manaus: Valer/FAPEAM, 2015.

NABUCO, Cristiano. **Quando o apego e o afeto não caminham junto**. Publicado em 02/07/2014. Disponível em: <http://cristianonabuco.blogosfera.uol.com.br/2014/07/02/quando-o-apego-e-o-afeto-nao-caminham-junto/>. Acesso em 08 out 2016.

NOGUEIRA, Ana Claudia Fernandes; MAINBOURG, Evelyne Marie Therese. **A Comunidade do Pau Rosa/Amazonas e a Relação entre Natureza, Cultura e o Processo Saúde/Doença**. Publicado em: Saúde Soc. São Paulo, v.19, n.1, p.22-34, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v19n1/03.pdf>. Acesso em: 15 abr 2016.

OLIVEIRA FILHO, João Pacheco de. **Ensaio em antropologia histórica**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999.

RAMIRES, Vera Regina Röhnel; SCHNEIDER, Michele Scheffel. **Revisitando alguns Conceitos da Teoria do Apego: Comportamento versus Representação?** Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). *sicologia: Teoria e Pesquisa* Jan-Mar 2010, Vol. 26 n. 1, pp. 25-33. Fonte : <http://scielo.br/pdf/ptp/v26n1/a04v26n1.pdf>

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 23. ed. Rio de Janeiro: Record, 2013.

SAQUET, Marcos Aurelio; SPOSITO, Eliseu Savério (orgs). **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. São Paulo : Expressão Popular : UNESP, 2008. Disponível em: <http://www2.fct.unesp.br/docentes/geo/bernardo/BIBLIOGRAFIA%20DISCIPLINAS%20POS-GRADUACAO/TIPOLOGIA%20DE%20TERRITORIOS/LIVRO%20SAQUET%20E%20SPOSITO.pdf>. Acesso em: 05 out 2016.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: Um estudo Da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Londrina: Eduel, 2012.